

Robinson Crusóe. Sobre domesticação e colonialismo*Fernando Freitas Fuão¹***Resumo**

O artigo investiga o tema da domesticação e da colonização a partir do estudo de Jaques Derrida em seu livro *A besta e o Soberano*, volume II, dedicado a uma análise do conto *Robson Crusóe* de Daniel Defoe. O artigo resgata o pensamento do escritor Xavier de Maistre, Nietzsche, sobre a questão da animalidade, da besta, e do soberano.

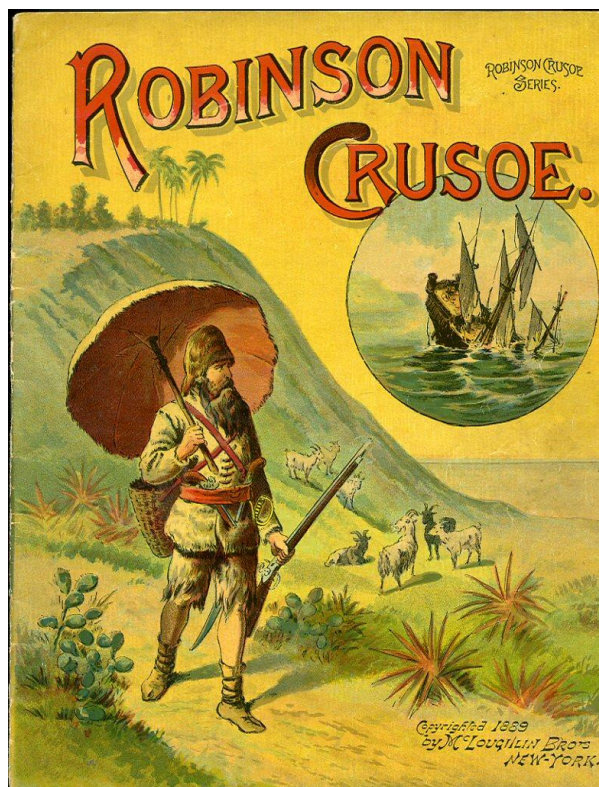
Palavras-chave: Domesticação, Jacques Derrida, colonialismo, Robson Crusóe, canibalismo

Abstract

The article investigates the theme of domestication and colonization based on the study of Jaques Derrida in his book *The Beast and the Sovereign*, volume II, dedicated to an analysis of the short story *Robson Crusoe* by Daniel Defoe. The article rescues the thought of the writer Xavier de Maistre, Nietzsche, on the issue of animality, the beast, and the sovereign.

Keywords: Domestication, Jacques Derrida, colonialism, Robson Crusoe, cannibalism

¹ Professor titular da Faculdade de arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Líder do Grupo de estudos CNPq, juntamente com a profa. Dirce Eleonora Nigro Solis, Arquitetura, Derrida e aproximações. Pesquisador do Cnpq. fuao@ufrgs.br/ <https://fernandofuao.blogspot.com/>



Capa de uma edição americana de 1889 de *Robson Crusoe*.. Fonte da ilustração: https://literature.fandom.com/wiki/Robinson_Crusoe

“Ó minha besta, minha pobre besta, toma cuidado de ti!”
Xavier de Maistre

Desesperança

“1709. Ilhas de Juan Fernandez.

O vigia anuncia fogos distantes. Para busca-los, os flibusteiros do Duke (sic) mudam a rota em direção à costa do Chile. A nau se aproxima das ilhas de Juan Fernández. Uma canoa, um talho de espuma, vem ao seu encontro, lá na fila de fogueiras. Sobe na cobertura um novelo de cabelos e imundície, que treme de febre e emite ruídos pela boca.

Dias depois o capitão vai entendendo. O naufrago se chama Alexander Selkirk e é um colega escocês, sábio em velas ventos e saques. Chegou a costa de Valparaíso na expedição do pirata William Dampier. Graças à ‘Bíblia’, ao ‘punhal’ e ao ‘fuzil’, Selkirk sobreviveu mais de quatro anos numa dessas ilhas sem ninguém. Com tripas de cabrito soube armar artes de pescaria; cozinhava com sal cristalizado nas rochas e para iluminação usava óleo de lobos-marinhos. Construiu uma cabana nas alturas e, ao lado, um curral de cabras. No tronco de uma árvore marcava a passagem do tempo. A tempestade lhe trouxe restos de um naufrágio e também um índio quase afogado. Chamou o índio de Sexta-Feira, porque esse era o dia. Dele aprendeu o segredo das plantas. Quando chegou o grande barco, Sexta-Feira preferiu ficar. Selkirk jurou que ia voltar, e Sexta-feira acreditou.

Dentro de dez anos, Daniel Defoe publicará, em Londres, as aventuras de um naufrago. Em seu livro, Serkirk será Robinson Crusoe, nascido em New York. A expedição do pirata

britânico Dampier, que tinha limpado a costa do Peru e do Chile, se transformará em uma respeitável viagem de comércio. A ilha deserta e sem história saltará do Pacífico para a boca do Orinoco, e o naufrago viverá nela vinte e oito anos. Robinson também salvará a vida de um selvagem canibal: máster, amo, será a primeira palavra que ensinará em língua inglesa. Selkirk marcava com a ponta de uma faca as orelhas de cada cabra que capturava. Robinson projetará a divisão da ilha, seu reino, para vendê-la em lotes, marcará cada objeto que recolher do barco naufragado, fará a contabilidade de tudo que produz na ilha e fará o balanço de cada situação, o dever das desgraças, o haver das sortes. Robinson atravessará, como Selkirk, as duras provações da solidão, o pavor e a loucura; mas na hora do resgate Alexander Selkirk é um espantalho esfarrapado que não consegue falar e se assusta com tudo. Robinson Crusoe, ao contrário, invicto domador da natureza, voltará para a Inglaterra, com seu fiel Sexta-Feira, fazendo contas e projetando aventuras.”

(Eduardo Galeano, 1997, p. 47)

Preambulo. A besta e o Soberano.

Jacques Derrida em seus últimos anos de vida dedicou-se as questões da soberania e da animalidade em seus Seminários, sob o título *A besta e o soberano*. Esses seminários foram reunidos em dois volumes: *A besta e o Soberano I*, e *A besta e o soberano II* (2002-2003). Interessa aqui sobre maneira essas duas obras para a questão que vamos tratar sobre a domesticação e o selvagem, tema esse que venho desenvolvendo há vários anos, e buscando especificamente implicar a arquitetura também nesse processo. No volume dois, Derrida dedicou-se a análise do livro *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe, para isso realizou duas leituras conjuntas, paralelas e cruzadas: O Robinson Crusoe, e a questão animal tratada por Heidegger em *Os conceitos fundamentais metafísica, Mundo, finitude e solidão*.

Derrida voltaria a questionar três famosas teses de Heidegger, problemáticas segundo ele, que tem implicações com a animalidade e o não humano; e amplamente questionadas que são: a pedra é sem mundo (*weltlos*), o animal é pobre em mundo (*weltarm*) e o homem é o configurador do mundo (*wetbilden*). Nesses seminários Derrida fez leituras que apontavam a um núcleo comum: a história - especialmente política do conceito de soberania-, e de um modo inseparável a do homem sobre o animal. Derrida apresentaria então a Inglaterra pré-colonial de Defoe (com seu fundo religioso estudado através do personagem Robinson Crusoe), e através das numerosas e apaixonantes leituras de Robinson Crusoe ao longo dos séculos realizadas por Rousseau, Kant, Marx e numerosos economistas políticos do século XIX, mas também: Joice, Virginia Woolf, Lacan, Deleuze.

A análise minuciosa de Derrida sobre Robinson Crusoe não se restringiria a questão da animalidade e da domesticação do homem sobre o animal, Derrida faria

referencia a domesticação do homem sobre os ‘outros homens’; o que na época de Defoe era considerado o não humano; ou quase não humano, entre eles: o selvagem não ‘catequisado’, os antropófagos. E, obviamente, que essas ideias também poderiam ser estendidas até a atualidade. Sobretudo, interessa-me aqui também correlacionar aos moradores de ruas, aos mendigos, os miseráveis. Sobretudo ainda os constantes ataques ao território dos povos originários da América latina até os dias de hoje; e obviamente o tema do racismo e da escravidão.

Em suma, tratar-se-á de entrecruzar e destacar o papel da casa, da arquitetura e de sua organização de vida presente no processo civilizatório, que tem seu correspondente na cidade, *civilitas*, como categorização do humano, em contraposição ao selvagem e seu conceito de morar e seus modos de viver; fora, e dentro da cidade também. Procuo ainda mostrar como o poder soberano ainda trata e alimenta essa oposição entre o civilizado e o selvagem, o soberano e a besta. E, como veremos com Derrida, esse jogo de antinomias é facilmente invertido, a besta se torna soberano, e o soberano se torna uma besta, o civilizado de pronto se torna um selvagem; como é o caso do bolsonarismo (*bêtise*) no Brasil.

Parece-me estranho de como Derrida não se utilizou do termo domesticação em sua análise, e tampouco trouxe os termos domesticador e domesticado para a pauta de suas análises; assim como ignorou a visão latina crítica de Robinson Crusoe feita por Eduardo Galeano, com relação ao colonizador europeu e sua tirania sobre os indígenas. Ficou com a erudição europeia, entretanto, isso em nada desmerece o que Derrida contribuiu para esclarecer essa relação entre a besta e o soberano. Quem é a besta, ou melhor: que é a besta, e quem é o soberano. Sobre o *Seminário A besta e o soberano*, nos explica Monica Cragolini,

Derrida vai apresentar também a pergunta em torno do suposto ‘quem’ (o soberano) e do suposto ‘que’ (a besta) para mostrar ao longo das sessões a maneira como a besta e o soberano se confundem, fazendo tremer a autoridade que decide ‘quem é quem’ e ‘que é que’. A besta e o soberano formam uma unidade, e na hora da morte não faz diferença porque enquanto seres vivos, ambos ao morrer se transformam em um ‘que’.” (...) “A questão da morte tem sido essencial para estabelecer a divisão entre o humano e o animal: toda cultura é ‘cultura de morte’. Porque cultura pressupõe culto aos antepassados, ritos funerários: tudo aquilo que ‘se diz’ que o animal não possui e nem realiza. A morte é então a grande traçadora de limites entre o humano e o animal. (CRAGNOLINI, p. 357-358).

Prosegue Cragolini,

“Nesse sentido, das diferentes referências e interpretações que Derrida indica a respeito da figura de Robinson Crusó, gostaria de destacar alguns aspectos de três visões que convergem de diferentes caminhos, na comparação da soberania, da solidão da exceção, e a exclusão da alteridade. E quero destacar essas perspectivas porque basicamente, no exercício da soberania sobre todos os seres vivos, é preciso anular o caráter de alteridade do animal por meio da aceitação de sua sacrificialidade.” (CRAGNOLINI, P. 367)

Lembrando que o Soberano é sempre o sujeito, portanto o pronome ‘quem’, e a besta na qualidade de não humano é como objeto, ou semi-objeto, então o ‘que’. Já de início Derrida trata de identificar e separar os pré-conceitos que temos sobre a besta para melhor identificá-la. Derrida começa o seminário evocando a expressão “estou sozinho, estou sozinha”. E por esse fato ”me aburro” (espanhol), me chateio, me entedio (em português), *je m’ennuie* (em francês)². E que imediatamente Derrida pergunta, pode as bestas se ‘aburrir’? Pode se *aburrir* o soberano?

Importante destacar a assinalação que Derrida encontrará na significação da palavra (bêtise) que tanto pode se referir aos animais, assim como uma bestialidade, uma ‘burrice’ (em português), e também se utilizará um terceiro sentido de *aburrirse* (em espanhol) quer dizer ‘entediarse’, o tédio, tema esse apresentado por Heidegger.

Ainda explorando esse cruzamento entre o português e o espanhol pode-se associar a palavra *aburrirse* em espanhol, reenviando seu sentido ao burro, em português, ao animal, a besta de carga. E, em português ‘burro’ também se refere ao ignorante, ao que não consegue aprender o conhecimento, aquele que tem dificuldade em aprender certas coisas. No limite da significação, aquele que tem dificuldade em civilizar-se; nesse caso também se enquadram os todos anormais, todas as crianças especiais, como bem descreveu Foucault, em seu livro *Os anormais*.

Derrida prossegue em suas interrogações, e agora seria a ilha, ‘o que é uma ilha?’, e desdobraria incessantemente a frase em francês *qu’est-ce qu’une île?*, trabalhando a sonoridade do *il* que tanto pode dizer ‘ele’, ‘ela’ como referir-se a ilha, e aproveitará boa parte dessa reflexão, já exaurida em artigo *Faxitexture*, redigido para uma conferência apresentada por Derrida em 1992 no Japão, por ocasião do colóquio intitulado ‘*Anywhere*’, organizado pelo arquiteto Arata Isozaki e o filósofo Akira Asada.

Mas, talvez seja no latim que essa articulação entre estar sozinho, solitário, isolado, *aburrido*, entediado se articule com a *Isola* (ilha em latim). *A ilha da*

² Em alemão *sich langweilen, e die Lang(e)weile, das sichlangweiden* que fala Heidegger no seminário de 1929-30

desesperança, foi assim que Robinson chamou a ilha de seu naufrágio, ilha do *despair*, ilha do desespero, e do desaparecimento (*disappear*).

Eu pobre miserável Robinson Crusóé, depois de ter naufragado em alto mar durante uma terrível tempestade, afogando-se toda a tripulação, estando eu mesmo quase morto, cheguei a essa desafortunada ilha que chamei *ilha da desesperação*. Passei o resto do dia, afligindo-me ante ao espantoso estado que fiquei reduzido: sem comida, sem casa, sem roupa, sem armas, sem abrigo, sem nenhum tipo de socorro, só via na minha frente à morte, porque seria devorado pelas bestas ou morto por selvagens, ou porque morreria de fome. Ao cair da noite, subi numa árvore, por medo dos animais ferozes, e dormi profundamente ainda que tenha chovido a noite inteira (DERRIDA, 2000, p. 24)

Derrida ainda nos chama a atenção, ainda no parágrafo inicial, sobre Robinson Crusóé, uma passagem que quicá, sintetize todo o material necessário do seminário:

“as bestas selvagens, as criaturas selvagens, a redução do narrador ao estado de natureza selvagem, inclusive a condição de ‘quase-besta’ visto que não tem casa, roupa, nem armas. E tem medo (dorme em cima de uma árvore), por não ter casa, pelo medo das criaturas selvagens. Tem medo, e esse é seu sentimento fundamental, como o homem de Hobbes, cujo medo é a primeira paixão, a que conduzirá originalmente a fundação do Estado.” (DERRIDA, 2000, p. 24)

Prossegue Derrida, colocando outra sentença: “As bestas nunca estão só”. Dando a entender que o selvagem, a besta parece nunca ter consciência de sua solidão; enquanto que, o civilizado, o humano sim. Mas não é isso que ocorre como atesta no mínimo o cão e o gato. O seminário explica Derrida, não teria somente como horizonte as questões de solidão, da *insularidade*, do isolamento incluída a questão soberana. Mas também, teria e teve, como horizonte as questões do que quer dizer habitar, coabitar, domesticar, habitar o mundo, a transumância, o movimento migratório, caracterizado pela sazonalidade. Pessoas e seus animais de rebanho migram em função do clima das diferentes épocas do ano de uma região para outra; e por consequência a questão o que quer dizer ‘mundo’ e seus limites.

Ao recorrer a James Joyce, Derrida considerou que ele realizou uma leitura crítica e irônica de Daniel Defoe apontando precisamente a questão deste habitar e da arquitetura; entre outras coisas; no processo civilizatório e colonizador da Inglaterra. Palavras como colonização, escravidão, comércio de escravos traduzem-se também em sinônimos de domesticação, uma domesticação intrínseca ao século XVIII e XIX. Para Derrida,

O verdadeiro símbolo da conquista britânica é Robinson Crusóé, naufrago numa ilha deserta, com uma faca na mão e um cachimbo no bolso, se converte em *arquitecto* (grifo meu), carpinteiro, afilador, astrônomo, padeiro, construtor naval, oleiro, seleiro, agricultor, alfaiate, fabricante de guarda chuvas, e ministro de culto religioso. É o autêntico protótipo do colonizador britânico, do mesmo modo que Sexta-feira (o fiel selvagem que um bom dia se converte em cinza) é o símbolo das raças submetidas, domesticadas. Encontramos em

Crusoé toda uma alma anglo-saxônica: a independência viril, a crueldade inconsistente, a tenacidade, a inteligência lenta e não obstante eficaz, a apatia sexual, religiosidade prática e bem equilibrada, a taciturnidade calculadora. Que quer que releia esse livro simples e comovedor a luz da história posterior não poderá deixar de experimentar seu fatídico encanto. (DERRIDA, 2000, p. 38-39)

Segundo Derrida, James Joyce se equivoca ao dizer e concordar que ‘o homem é o único que enterra’, o erro de Joyce segundo é acreditar como todo mundo que as bestas não morrem em sentido próprio, não fazem luto e não enterram.

O soberano

Robinson Crusoé foi Soberano em toda sua ilha durante o tempo em que viveu nela solitário, ele seria o único habitante dito humano civilizado de seu mundo, o dominador, mas um soberano isolado em sua *isola*. Diz Derrida concordando com Karl Schmitt, isso quer dizer uma soberania sem obstáculos e por consequência sem inimigos e portanto sem política, essa soberania é uma soberania pré-política, essa soberania hiperbólica que é o preço da solidão do isolamento ou do isolamento absoluto, tudo isso ocorre até a chegada de Sexta-feira.

Robinson sentia-se o próprio soberano solitário domesticando sua estranha família de bestas, animais; em suma: seus súditos. A transformação de Crusoé de sobrevivente aterrorizado e confuso em senhor colonial todo-poderoso e implacável governante supremo de sua ilha, nada mais é que resgate identitário de um comerciante e especulador colonialista. Eis o verdadeiro Robson barbudo no espelho, que carrega em suas entranhas o que comeu, mastigou e ruminou do processo de domesticação-capitalismo-civilização. Robinson Crusoé foi um desses mitos modernos cruciais da construção do colonialismo e domesticação, assim como anteriormente os Diários de Hans Staden, relatados no livro *Duas viagens ao Brasil* (1557), onde descreveria os horrores do canibalismo tupinambá.

John Richetti, que prefacia o livro *Robson Crusoé* corrobora ao recordar que,

ele naufraga encarregado de uma expedição negreira ilegal, e que seu final feliz ocorre quando ele descobre, depois de conseguir retornar de sua ilha, que suas terras no Brasil vinham rendendo dinheiro para ele em sua ausência, e que na verdade era um homem rico. Crusoé é um “capitalista aventureiro”, além de mercador de escravos (vende Xuri, o jovem que o acompanha na fuga do cativeiro no Marrocos, como escravo, ao Capitão Português); ele é essencialmente um administrador e um empreendedor (como Defoe), mais que um trabalhador. (DEFOE, 2001, p. 20)

Robinson Crusoé é um eurocêntrico, um explorador aventureiro e não poderia ser distinto, também um civilizado-civilizador mercantilista. A primeira coisa que o

domesticador soberano Robson faz é domesticar os animais, e posteriormente ‘Sexta-feira’, a besta canibal:

Minha ilha estava agora bastante povoada, e eu me considerava muito rico em súditos. E era uma reflexão alegre que muitas vezes eu fazia, como eu de fato parecia um rei. Em primeiro lugar, toda a terra era de minha propriedade, de modo que eu tinha sobre ela um direito inquestionável de domínio. Segundo, meu povo era perfeitamente submisso: eu era senhor e juiz absoluto, todos deviam as vidas a mim e por mim se dispunham a sacrificá-las, se preciso fosse. Era notável, também, que, entre apenas três súditos, houvesse três religiões diferentes. Meu Sexta-Feira era protestante, seu pai era pagão e canibal, e o Espanhol era papista. (DEFOE, 2001, p. 202)

É muito sugestivo que ele classifique nesta passagem Sexta-feira como protestante, exatamente por seu trabalho de catequese para domesticá-lo e adorar um Deus único. Um Dom sem Dó.

Lá estava minha majestade, Príncipe e Senhor de toda a ilha, com as vidas de todos os súditos à minha absoluta disposição. Eu podia condená-los à forca ou a ser arrastados por cavalos, conceder ou retirar sua liberdade, sem causar revolta a nenhum dos meus súditos. E depois ver como, à semelhança de um Rei, eu também comia sozinho atendido por meus criados, e Poll, como se fosse meu favorito, era o único que tinha permissão de falar comigo. Meu cão, que a essa altura tinha ficado muito velho e demente, sem ter encontrado com quem pudesse perpetuar sua espécie, sentava-se sempre à minha direita, e dois gatos, cada um de um lado da mesa, esperavam de tempos em tempos algum bocado da minha mão, como sinal de um favor especial. Mas não eram os dois gatos que eu trouxe para a terra depois do meu naufrágio, pois esses já tinham morrido e sido enterrados junto à minha morada por minhas próprias mãos; mas um deles, tendo conseguido se multiplicar graças a nem sei que tipo de criatura, tinha me deixado aqueles dois que consegui amansar, enquanto os demais corriam soltos pelas matas e, na verdade, no fim das contas começaram a me criar problemas; pois toda hora entravam em minha casa e pilhavam meus víveres, até eu finalmente me ver obrigado a caçá-los e matar muitos deles. Finalmente me deixaram apenas com aquela pequena corte, e era em meio a essa abundância que eu vivia. Não se pode dizer que me faltasse alguma coisa além de companhia, e isso, um pouco mais tarde, eu teria de sobra. (DEFOE, 2001, p. 139)

Essa passagem é muito representativa para o que se entende por processo de domesticação humana, quando associamos a uma corte, a uma família, em alguns aspectos. Primeiro, parece que o civilizado não consegue existir sem domesticar a seus intentos todos os outros seres vivos animais, e principalmente os próprios humanos. O soberano como bem se descreve Robson é capaz de matar o que lhe molesta a sua bel-vontade. Segundo, ainda levando em conta com referência a domesticação animal, cabe perguntar respondendo, por que Robson não domesticou todos os cachorros da cria? No fundo ele sabia que precisa de seu oposto o selvagem para comparar com o domado, adestrado. O mesmo se passa dentro da sociedade e na cidade, locus por excelência da domesticação humana, na qual o Estado de alguma forma em sua biopolítica escolhe quem vai domesticar, e os que não serão domesticados, os que serão largados à vida nua

para serem classificados como selvagens. Também cabe destacar, dentro desse parágrafo a expressão “corriam selvagens”, reveladora da liberdade dos animais e dos seres humanos ainda não domesticados. Para Robson era preciso deixar os outros gatos; como espécimes que deram errado; porque não foram ou não conseguiu domesticá-los quando estavam juntos e não separados, individualizados, isolados. E, sem descartar a possibilidade de deixá-los soltos para posteriormente caçá-los. Obviamente que por trás da passagem ‘correr como selvagens’ está implícita a liberdade do selvagem, a liberdade sem limites e sem cercas e cercadinhos. É justamente isso o insuportável para Robson ao ponto de justificar sua matança por saquearem sua casa como ladrões. Mas, ‘correr como selvagens’, não é justamente o que as crianças fazem em seus primeiros anos, correm sem limites, em todo o seu esplendor de liberdade corporal, enquanto ainda não foram domesticadas.

A filósofa Esther Diaz, em seu ensaio *Nietzsche Deleuze o del devenir animal* explica que,

Nietzsche desprezava o espírito do rebanho por sua docilidade ao mandante, a um condutor. Deleuze, nesse mesmo sentido, aprecia a manada formada por animais indómitos que não suportam serem conduzidos. Devir animal, é um coletivo que se desloca sem rumo prefixado, pelo liso, em liberdade, desprovidos de mandatos. É transitar o singular e a multiplicidade ao mesmo tempo. Como as matilhas de cães selvagens ou dos caçadores errantes” (DIAZ, 2013, p.214)

Talvez, a partir desse parágrafo e dos desdobramentos, podem-se começar a compreender e alargar o pensamento no sentido de que, quando o Estado produz o processo de domesticação humana ele no fundo não quer aplicar a todos. A domesticação exige processos de ‘seleção’ e ‘separação’, tanto de plantas como animais; seleção e separação daqueles que se tornaram dóceis e daqueles que serão largados a correnteza da vida. Suas vidas de antemão já estarão condenadas a certa ‘animalidade’, sem alma, sem espírito, um estado selvagem do ser destinado ao sacrifício. Hoje se utiliza a expressão de *Necropolítica*, título do livro de Aquiles Mbenbe. Serão os largados, atirados nas calçadas, os moradores de rua, os drogados em sua ‘correria’, os alcoólatras; os indígenas vendendo seus artesanatos e os migrantes africanos vendendo os *gadgets* chineses os que estão mais propensos ao sacrifício como bem discorreu Agambem em seu livro *Homo Sacer*.

Os pais explicarão para seus filhos, sutilmente, apontando-os na rua e dizendo à seus filhos se eles não forem à escola, e não trabalharem acabaram como eles. Feios sujos e malvados. É fundamental ‘a besta ao soberano’, é necessário cultivar também o

selvagem em campos de controle para o civilizado se identificar por oposição; e todo leque que se pode desprender desses dois extremos. O soberano não vive sem a existência da besta, como explicou longamente Derrida, assim como a invenção do selvagem. É preciso, produzi-lo, fabricá-lo constantemente para a manutenção da civilização; assim como a igreja católica inventou suas bruxas e bruxos para sobreviver.

Infelizmente, Derrida não comenta que Daniel Defoe foi também um grande higienista do século XVII, talvez um dos primeiros higienistas na literatura, ao retratar tanto os horrores da peste que tornam os homens em selvagens em sua luta contra a morte, quanto ao selvagens canibais na ilha deserta da *Desesperança*. Autor do *Diário do ano da Peste*, ele descreveu exatamente e bem antes o que Michel Foucault no século XX descreveria como o processo de esquadramento, isolamento durante a peste que afetou a Inglaterra, processo esse que esta na base do Panoptico, na origem do mito da cidade pestilenta moderna, e da domesticação.

Uma passagem bastante explícita, em menosprezo ao ‘outro’, a outras culturas, a sua incapacidade se encontra no posfácio de Robson Crusoe, no qual ele narra muito tempo depois quando de sua viagem à China, depois do naufrágio e resgate na ilha: “Mas, quando começo a comparar os povos miseráveis dessas regiões, com os povos de nossas regiões, seus edifícios, seus costumes, seu governo, sua religião, sua riqueza e esplendor – como dizem alguns-, confesso que tudo isso me parece que não vale a pena ser nomeado, que não merece o tempo que levo para descrever e o tempo que perderiam ao ler aqueles que virão depois de mim.” (DEFOE, 2001, p. 178)

Mais, adiante Robson declara seu espanto ao ver a opulência:

há que destacar que ficamos boquiabertos ante a grandeza, a opulência, as cerimônias, o boato, o governo, as manufaturas, o comércio e a conduta desses povos, não porque essas coisas mereçam reter nossa admiração nem sequer nossos olhares, mas somente porque, estamos imbuídos da idéia primitiva que temos da barbárie dessas regiões, da grosseria e da ignorância que em elas reinam, que não esperamos encontrar ali, nada adiantado. (DEFOE, 2001, p. 181)

O mesmo sentimento de espanto, a não familiaridade, que Robson tem de outras culturas apresenta-se correspondentemente no mesmo sentimento que as pessoa da classe média e ricas tem quando entram e conhecem pela primeira vez numa favela, ou numa vila. Exatamente, esses lugares onde reina a miséria em todos os seus aspectos de arquitetura, infra estrutura, ruas sem calçadas, sem pavimentação, sem esgoto, onde as crianças brincam no meio da rua em meio a lama, entre cachorros, e entre o lixo que catam como forma de sobrevivência, onde se encontra algo de admirável no povo. Estes ditos

civilizados de duas uma: descobrem outras lógicas de vida, outra ética, outra estética: a da alteridade; podendo, pois, também descobrir coisas incríveis em termos de arquitetura no simples abrigo que conseguem improvisar com certos materiais do lixo. Podem descobrir que existe a solidariedade e o acolhimento em ambientes onde acreditam só reinar a violência e a hostilidade. A outra decorrência: o civilizado classe média deparar-se com esse ‘estar aí’; é fazer exatamente o que Robson fez na ilha; começar pouco a pouco tentar domesticar tudo, com seus critérios de civilização, hábito bastante comum aos arquitetos ao planejar esses bairros, essas vilas. Não me refiro aqui às questões de infraestrutura básicas necessárias a sobrevivência nesses lugares.

Talvez o Robson dos trópicos, de outrora, não é nada diferente de um Robson contemporâneo faz, mesmo sendo escolarizado, e com conhecimentos, que ainda básicos de arquitetura, construção, astrologia, agronomia; naufragado em uma favela, no deserto urbano selvagem da periferia. Para ele tudo em sua descoberta será um espanto, um estranhamento, mas nunca deixará de desqualificar essa outra cultura, até podendo apontar algumas virtudes e vicitudes e até belezas, mas sempre as colocará em degraus hierárquicos bem abaixo da sua cultura evolucionista. Lembrando oportunamente Nietzsche, em *O eterno retorno*, “a história inteira da civilização representa uma diminuição daquele ‘medo do acaso’ do ‘incerto’, do ‘súbito’. Civilização significa justamente aprender a ‘calcular’, aprender a pensar causalmente, aprender a prevenir, aprender a acreditar em necessidade”. (NIETZSCHE, 1983, p. 391)

Como expressou Robson com desdenho ao referir-se a arquitetura chinesa:

Dito de outro modo, o que são esses edifícios comparados com os palácios e os castelos reais da Europa? O que é esse comércio se comparado com o comércio universal da Inglaterra, da Holanda, da França e da Espanha? Que são suas cidades comparadas com as nossas no que se refere a opulência, a força, o fasto dos trajes, o luxo dos mobiliários, a variedade infinita? Que são seus portos salpicados de uns quantos juncos e de uma quantas barcas comparados com nossa navegação, nossa frota mercante, com nossa poderosa e formidável armada. (DEFOE, 2001, p 178-179)

Daniel Defoe, na figura de Robson, esqueceu-se de comentar o crime cometido pelos ingleses e sua marinha mercante na China, quando introduziram o ópio que cultivavam na Índia, Paquistão e levaram para China, como traficantes mesmo. Eles haviam destruído uma base secular cultural, através do ópio em nome do livre comércio, que somente seria resgatada com a revolução cultural de Mao no século XX. O complexo de superioridade de Robson, o nobre inglês com todas suas etiquetas, não cessou nem mesmo depois de ter vivido 28 anos em um estado selvagem na ilha; menosprezou até o exército desses povos

alegando que embora potentes e numerosos não valeriam em nada ao exercito britânico com sua disciplinaridade, sua máquina de matar, e que seriam exterminados facilmente pela falta de disciplina, e ignorando que a lógica militar deles é diferente dos europeus. Bom lembrar o que anos depois seria o massacre da nação Zulu sobre o forte inglês, mesmo com toda a disciplinaridade e armamento que possuíam. Algo também análogo à toda força bélica e ‘disciplinada’ do exercito brasileiro ao tentar pacificar as favelas do Rio de Janeiro sem resultados, poucos meses depois tiveram que retirar suas tropas estrategicamente ante o fracasso.

Ha muitos Robson como diz Derrida. Há Robson dentro de Robsons,

Voces verão todos os tipos de Robson se multiplicarem ante nossos olhos, o Robson do cogito cartesiano, e seu animal-máquina, o Robson do ‘eu penso’ kantiano e husserliano, o Robson de todos os subjetivismos e idealismos transcendentais, os Robsons de Rousseau, e o de Joice, e tantos e tantos outros, de todos os outros distintos de Robson.” (...) “Não se trata de que exista um só Robson, ou uma robinsonada em geral, mas sim que estamos ante uma grande família cujos traços comuns, semelhanças, ares de família, devemos reconhecer (DERRIDA, 2002, p. 250)

Derrida vai desconstruir a ideia presente tanto em Heidegger como em Lacan, que o animal não teria a possibilidade de aceder à verdade, a possibilidade do falso, do erro e da mentira. E que aí estaria uma das diferenças entre o homem e o animal, mas como bem sabemos, os animais domesticados ou não, são capazes de mentir, enganar também, dissimular, mimetizar-se, e isso não deixa de ser uma forma de mentir, vestir-se, ocultar-se para defender-se. Em vários textos Heidegger sempre procurou diferenciar os homens dos animais, principalmente com relação ao surgimento da linguagem, o acontecimento, que tornaria os homens em seres humanos. Heidegger traria o tema da iluminação, clareira, verdade (*lichtung*) associando a relação entre iluminação e escuridão da floresta mesmo, entre um desvelar e velar, entre a mentira e a verdade, entre o ocultamento e a aparição; como par de oposições necessários um ao outro.

Para Derrida já não se trata de um e outro, Soberano e besta, um lá e um aqui, mas sim ‘um com o outro’. Essa mesma relação é muito clara também na arquitetura, e aí não se trata de um par de oposições, um preto e um branco ou mesmo de um cinza; a arquitetura soberana não vive sem a arquitetura bestial, é ‘uma com a outra’; e aqui o bestial é exatamente aquela arquitetura não projetada e construída por arquitetos, a arquitetura não regrada, mas que afortunadamente ainda abriga os pobres e os incivilizados. Obviamente, a arquitetura soberana é aquela que é produzida por um saber civilizatório, uma arquitetura ‘sólida’, não somente sólida, mas, ‘bela’ (*venusta*) e útil como a tríade vitruviana. Uma arquitetura produzida pelo ‘soberano demiúrgico

arquitecto' para outros soberanos, outros Dons, outros Amos. Era assim que Sexta feira se referia à Robson, 'Amo', exatamente como Robson ensinou-lhe a ser tratado, exatamente como os soberanos e os Dons eram tratados, na Inglaterra. O amo, o senhor, o dom, o domador.

Explica Derrida:

Nosso ponto de vista é que esses dois seres vivos. A besta e o soberano tem a ver um com o outro. Eles tem que ver, que fazer, que poder o que sofrer o um com o outro ou o um do outro, com relação um por parte do outro, que, em certo sentido em seu 'ser-com', qualquer que seja, se relacionam (questão de relação, uma vez mais, de portar-se, de comportamento), um com ou outro, tem necessidade do 'um do outro', inclusive necessidade de excluir, ignorar, submeter, incluir-se, matar, comê-lo, caçar, de seguir-se e perseguir. De portar, exportar, deportar-se ou suportar. (DERRIDA, 2002, p. 320)

Aos olhos de hoje, Robson em sua pseudo ingenuidade é a própria besta alienada e não soberana nem de si, a besta colonizadora, a besta aventureira que se julga soberana em busca de explorar novas terras e novas pessoas. Ele não se conhece a si mesmo e não suporta sua solidão. Talvez, melhor dizer o soberano bestial, o soberano das bestas das colônias. Essa besta colonial soberana contida lá no fundo de nós pode estar fora e distante na figura 'do outro' - ainda que recolhida (*unheimlich*)-, ou mesmo dentro do Soberano. Basta dar a oportunidade para ela aparecer. O Soberano não vive sem a besta, e quando não há besta ele inventa, renomeia qualquer um para fazer dele, dela, uma besta e diabolizá-la aos moldes cristãos. Na ilha, Robson era o soberano das pequenas bestas domesticáveis: um cão, dois gatos, cabras e galinhas, e seu papagaio *Poll*. Depois de muitos anos é que surgirá a besta Sexta-Feira, o terrível canibal a ser domesticado, e uma vez domado poderia participar da mesa junto com os outros animais.

Em inúmeras ocasiões ao longo de todo o seminário, Derrida destaca a resistência que os termos franceses "*bête*" e "*bêtise*" opõem a serem traduzidos, respectivamente, por meio de uma única palavra para qualquer outro idioma inglês, alemão etc., e que nos recalamos: devido antes de nada aos numerosos deslocamentos semânticos que esses termos experimentam (e que, por sua vez, Derrida não hesita em explorar) de acordo com a situação pragmática correspondente em que são usados. Por esta razão, optei por traduzir estes termos dependendo do caso, por 'besta' (*bête*), e 'estupidez' (*bêtise*) por bestialidade e burrice. Por pouco que tenham em comum a besta e o soberano eles coabitam, vivem vivendo juntos, um portando o outro (*tragen*), um suportando o outro, um é suporte do outro, se carregam juntos; exatamente como Robson carregará Sexta feira por toda à sua vida mesmo depois de resgatados da ilha. Tanto Robson como Sexta-Feira irão portar-se, mutuamente, até a morte, suas mortes, algo similar ao 'amigo de

Heidegger'; ainda que neste caso o amigo está externo a ele, é de corpo e alma, ou melhor: *semialma*, uma 'almalidade' (animalidade). O que, grosso modo aqui, Derrida quer dizer em *A besta e o Soberano*, é também a besta 'com' o soberano, esse 'e = com', o par indissolúvel.

Derrida também vai questionar esse dito 'mundo comum', ao senso comum, a própria ideia de 'mundo' que caracteriza a civilização a partir do século XVIII. Iria questionar a própria invenção da palavra 'mundo' que conservaria um horizonte 'com' de univocidade; e também uma disseminação sem horizonte de um sentido comum, de uma uniformização. Mundo enquanto palavra já vazia de sentido, mas que infelizmente ainda ajuda a domesticar e aplacar a angústia, porque esse mundo comum está atrelado ao projeto universalista de uniformidade domesticante. O mundo como fabulação, usando palavra de Nietzsche. Mundo enquanto uma construção verbal, como disse Derrida, destinada a nos proteger contra a angústia infantil e infinita de que 'não há mundo'. Talvez, um (i)mundo.

Para Derrida não há também 'A soberania', 'O soberano', não há 'A besta' e 'O soberano'. Há sim formas diferentes e as vezes antagônicas de soberania: que sempre se ataca a uma delas em nome da outra. Inteligentemente, Derrida desloca a figuração externa da besta para um discurso interno, subjetivo, onde o soberano contem a besta, deslocamento de dentro para fora.

O escritor Xavier de Maistre, (1763 -1852), quando escreveu seu clássico *Viagem ao redor do meu quarto*, muitos anos antes de Nietzsche e de Derrida, também enunciou a relação do homem e sua besta, justamente como Derrida definiu, o soberano 'com' a besta; e Nietzsche com o conceito de *Selbst*³ ("si mesmo"). Aproveito para inserir aqui algumas passagens embora longas, mas que permitirão o leitor disfrutar da percepção adiantada que tinha Maistre para seu tempo sobre os hábitos civilizatórios, e de como conseguimos a coordenação entre a besta e a mente soberana que resolve viajar, abandonar seu corpo entregando-a a besta, ao animal.

Diz Maistre, "Percebi, por diversas observações, que o homem é composto de uma alma e de uma besta. Estes dois seres são distintos, mas de tal modo encaixado um no

³ Na língua alemã o termo *selbst* é um advérbio demonstrativo que significa "mesmo" ou "próprio", mas quando Nietzsche, escreve com maiúscula (*Selbst*), torna o advérbio em substantivo, e assim também num dispositivo que permitiria enunciar um princípio da vontade de poder, no capítulo: 'Dos desprezadores do corpo' em *Assim falou Zaratustra*.

outro, que é preciso que a alma tenha certa superioridade sobre a besta, para estar em condição de distinguir uma da outra.” (MAISTRE, 1998, p. 27)

Mas, quantas almas temos? quantas bestas temos dentro de nós e fora de nós?, quem leva, quem porta e carrega a besta? Logicamente, o Soberano. Mas o que acontece quando a besta (Bête e a Bêtise) se torna o soberano? Quando a besta assume o mando e controle da vida soberana, o que acontece, como Hitler ou os fascistas? Maistre dedica os capítulos VI e VII da Viagem ao redor do meu quarto para tratar desse tema.

Este capítulo é para metafísicos, e apenas para metafísicos. Isso lançará uma grande luz sobre a natureza do homem. É o prisma com o qual se analisa e decompõe as faculdades humanas, separando a força animal dos puros raios do intelecto. Seria impossível para mim explicar como comecei a queimar meus dedos no início de minha jornada sem expor ao meu leitor meu sistema da Alma e do Animal. E, além disso, esta descoberta metafísica teve uma influência tão grande em meus pensamentos e ações, que seria muito difícil entender este livro se eu não começasse dando a chave de seu significado. ‘Várias observações me permitiram perceber que o homem é feito de uma alma somada a um animal’. ‘Esses dois seres são bastante distintos, mas estão tão encaixados um no outro, ou sobre o outro’ (grifo meu). Penso que a alma deve, se quisermos fazer a distinção entre eles, possuir uma certa superioridade sobre o animal. Eu o recebi de um antigo professor (e isso faz tanto tempo quanto me lembro), o conhecimento de que Platão costumava chamar a matéria de a ‘Outra’. Está tudo muito bem; mas prefiro dar este nome por excelência ao “Animal” que está unido à nossa alma. Esta substância é realmente a ‘Outra’ e nos prega peças tão estranhas. É bastante fácil ver, de uma maneira geral, que o homem é duplo. Mas isso, eles dizem, é porque ele é feito de “alma e corpo”; e acusam o corpo de não sei quantas coisas. Acho isso muito incoerente, visto que o corpo não pode sentir nem pensar. É sobre o “Animal” que a culpa deve recair; sobre aquele ser sensível, que, embora seja perfeitamente distinto da alma, é um indivíduo real, desfrutando de uma existência separada, com seus próprios gostos, inclinações e vontades, e que só se classifica mais alto do que outros animais, porque é mais bem educado do que eles, e é dotado de órgãos mais perfeitos. Senhoras e senhores! Tenha tanto orgulho do seu intelecto quanto quiser, mas desconfie muito da ‘Outra’, especialmente quando estiverem juntos. Experimentei, não sei quantas vezes, a união dessas duas criaturas heterogêneas. Eu, por exemplo, verifiquei claramente que a Alma pode ser obedecida pelo Animal, e que, por meio da retaliação, o Animal faz com que a Alma aja de forma contrária à sua própria inclinação. Um, via de regra, tem o poder legislativo, o outro, o poder executivo, mas esses dois estão frequentemente em desacordo. A grande tarefa de um homem genioso é treinar bem seu Animal, para que ele vá sozinho, enquanto a Alma, libertada desse companheiro incômodo, possa elevar-se aos céus. Mas isso requer ilustração. Quando, senhor, você está lendo um livro e uma ideia agradável de repente entra em sua imaginação, sua Alma se apega à nova ideia, partindo em viagem imediatamente, esquecendo-se do livro. Enquanto isso, seus olhos seguem mecanicamente as palavras e os versos. Você percorre a página sem entendê-la e sem se lembrar do que leu. Pois bem, isso ocorre porque a tua Alma, tendo ordenado ao companheiro Animal que ‘lesse’, não o alertou da sua curta ausência contemplativa. A Alma abandonou a leitura, mas o “Animal” continuou a ler aquilo que a Alma já não acompanhava. (...)

O Animal, o Outro. Se é útil e agradável ter uma alma tão desligada da matéria que podemos deixá-la viajar sozinha quando quisermos, isso também tem suas desvantagens. Por meio disso, por exemplo, fiquei com a queimadura de que falei alguns capítulos atrás. Geralmente deixo meu animal para preparar meu café da manhã. Seu cuidado é fatiar e torrar meu pão. Ele faz meu café

admiravelmente e se serve disso sem que minha alma se preocupe com o processo. Mas este é um desempenho muito raro e agradável de executar; pois embora seja bastante fácil, enquanto ocupado em uma operação mecânica, pensar em algo completamente diferente, é extremamente difícil. Por assim dizer, observar o trabalho e empregar a alma para examinar o progresso do animal, observando seu trabalho sem participar dele. Este é o feito metafísico mais extraordinário que um homem pode executar na vida. Eu tinha pousado minhas pinças nas brasas para torrar meu pão, e pouco tempo depois, enquanto minha alma estava viajando, um pedaço de pau em chamas caiu na lareira: meu pobre animal agarrou a pinça para que ela não se misturasse ao fogo e, assim, queimei meus dedos. (MAISTRE, 1998, p. 26-30)

No prosseguimento Maistre comenta sobre seu devoto servo Monsieur Joannetti, uma espécie de Sexta-feira, mais uma vítima do mando sem '(com)mando', Joannetti era a personificação de Sexta-feira, como um animal domesticado a serviço do senhor, do Dom.

Se o leitor refletir sobre o comportamento de meu servo, ele se convencerá de que, em certos assuntos delicados desse tipo, a simplicidade e o bom senso são muito melhores do que a inteligência mais aguda. Ouso afirmar que o mais estudado discurso sobre a impropriedade da preguiça não me faria pular tão prontamente da cama como a reprovação silenciosa de Monsieur Joannetti. Este Monsieur Joannetti é um sujeito totalmente honesto e ao mesmo tempo o homem certo para um viajante como eu. Ele está acostumado com as viagens frequentes de minha alma e nunca ri das incoerências do Animal. Ele até dirige ocasionalmente quando está sozinho, de modo que se pode dizer que é então conduzido por duas Almas. Durante a troca de roupas, por exemplo, ele avisará com um gesto sobre o erro de calçar as meias do jeito errado, ou de colocar o casaco antes do colete." (...) "Muitas vezes minha alma se divertiu ao ver o pobre Joannetti correndo atrás dessa criatura tola sob os arcos da cidadela, para lembrar de um chapéu ou lenço esquecido. Um dia, devo confessar, se não fosse por esse servo fiel, que o alertou bem ao pé da escada, a boba criatura teria se apresentado na corte sem espada, tão ousadamente como se fosse o chefe cavalheiro-arrumador, carregando o bastão. (MAISTRE, 1998, p. 39)

Nietzsche posteriormente também recorreria a animalidade para explicar o princípio do Poder. Ao reverter o princípio de que o corpo não pensa e não possui alma; e que a alma, o pensamento, a razão são opostas ao corpo. Para isso, ele inverteria a oposição e proporia também tal qual Maistre o fez, uma união entre esse binômio, e exemplificaria brilhantemente mediante duas figuras: a besta e o anão; a besta grande e forte que carrega, porta um anão em seus ombros, que lhe ordena o que a besta deve fazer. Entretanto, para Nietzsche a besta possui razão, que ele considerava a 'grande razão'; e o anão em seus ombros, a 'pequena razão'.

Ao renunciar o binômio corpo-alma, Nietzsche expandia a noção de corpo para um corpo que pensa. Cada órgão, cada grande razão mais que pensar ela ordena, se o corpo tem fome, ele vai dificultar o pensar, e ordena a mente, a pequena razão para parar porque 'precisamos' comer, tal qual Maistre nos explicou brilhantemente. Nietzsche colocava esse princípio como uma disposição hierárquica de forças para além da matéria,

mas que reúne também aquilo que se chama espírito, alma ou mesmo razão. Esses conceitos são agora tomados não só como constituintes do corpo, mas principalmente no corpo. Corpo é alma e alma é corpo na medida em que constituem uma unidade. Exatamente sobre esse princípio de Nietzsche que Derrida vai arcabouçar o princípio do Soberano e a Besta. Em outras palavras, a pequena razão nada mais é que a alma, o eu, a consciência, o espírito, conceitos que os metafísicos hipervalorizaram e substancializaram como absolutos, como princípio da vontade e do querer.

Tudo é corpo, e nada mais; a alma é apenas nome de qualquer coisa do corpo. O corpo é uma razão em ponto grande, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento do teu corpo é também a tua razão pequena, a que chamas espírito: um instrumentozinho e um pequeno brinquedo da tua razão grande. Tu dizes ‘Eu’ e orgulhas-te dessa palavra. Porém, maior — coisa que tu não queres crer — é o teu corpo e a tua razão grande. Ele não diz Eu, mas: procede como Eu.” (...) “Os sentidos e o espírito são instrumentos e joguetes; por detrás deles se encontra o nosso próprio ser. Ele esquadrinha com os olhos dos sentidos e escuta com os olhos do espírito. Sempre escuta e esquadrinha o próprio ser: combina, submete, conquista e destrói. Reina, e é também soberano do Eu. Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido, chama-se ‘eu sou’. Habita no teu corpo; é o teu corpo. (NIETZSCHE, 2001, p. 34-37)

A besta engendra o soberano, como observou Nietzsche: “O corpo criador criou a si mesmo o espírito como emanção da sua vontade”. (...) “E o temor que mais tem logrado no homem é o temor aos animais selvagens, incluso o animal que o homem oculta e receia em si, aquele a que Zarathustra chama ‘a besta interior’”. (NIETZSCHE, 2001, p. 37)

Com isso Nietzsche queria dizer que o homem não é corpo (*res extensa*) nem alma (*res cogitans*), mas um conjunto de forças antagônicas em constante luta por dominação.

O corpo não é um ser, uma unidade, mas é um agir sobre, é ação, tendência de crescimento dos impulsos que se dá pelo combate incessante. Não sendo nada fixo, substancial, o corpo é um fazer-se corpo, é incorporação. Ora, incorporar é dominar, é trazer para si tudo aquilo que propicia uma maior quantidade de potência. Esse ‘trazer para si’ significa a atividade do organismo e suas funções de assimilar outras configurações de forças por via da nutrição, metabolismo, reprodução sexual, etc., para a intensificação de sua potência. (JACUBOWSKI, 2011, p. 146)

Nietzsche, por exemplo, acreditava que, se você olhasse profundamente para a psique humana, descobriria que por baixo de nossa vaidade e máscaras que exibimos, somos o único animal separado de nossos instintos e, portanto, a espécie mais doente que já andou esta terra. Antes de prosseguir, observemos um pouco nesse ‘trazer para si’, não só como uma correlação orgânica, mas também como fisicamente apropriar-se, incorporar aquilo que esta fora do alcance e trazer para seu alcance, colocar ao seu alcance, ao seu domínio, sob seu domínio, no *dominus* da *domus*(da casa). Em outras

palavras, dentro da domus, da casa; obviamente aqui no sentido figurado e também real. Não necessariamente dentro da casa, mas estar disponível em qualquer lugar, mesmo periféricamente ao Soberano.

A metáfora da casa do domus é uma das mais representativas do poder, e a noção de casa pode ser estendida para Estado, País; expressões simbólicas como *White House*, *House of commons*, *Casa Rosada* e tantas outras expressões tomam vida. Esse trazer para casa, para si, construir a casa, habitar a casa estabelece de alguma maneira simultaneamente o principio do sedentarismo. E, a pequena razão deve-se tornar a grande razão pela capacidade de construir suas próprias e duradouras casas, como na estória, na fábula dos três porquinhos.

Na verdade os três porquinhos são três em um. A grande razão o Prático, e duas outras bestas, o Cícero e o Heitor, uma mais besta que a outra, que so querem usufruir a maravilha da liberdade de seus corpos, correr livre e cantando pelo mundo (floresta) afora. Esse trazer para si, também é uma forma de aprisionar e deter, esse trazer para si pode ser um ato de acolhimento, mas enquanto vontade de poder, ele na realidade se torna captura, caça, acorrentamento e devoração; escravidão, colonialismo. O que foi a colonização senão o ‘trazer para si’ europeu, ou melhor ‘levar para si’.

Dentro desse pensamento ou principio a arquitetura está para além de ter um caráter simbólico do poder soberano, ou de ter uma autonomia, independência de qualquer contexto, e até mesmo como um dispositivo de guardar, abrigar e armazenar. Ela é o primeiro passo, o primeiro ato da constituição de poder, mesmo do animal essa grande razão.

Robson assim que se encontrou naufrago na ilha, passou alguns dias abrigando-se provisoriamente dormindo numa árvore, mas logo tratou de estabelecer um lugar, uma morada, um abrigo seguro, porque dormir nas árvores parece que não era próprio. E assim ele construirá a sua casa para qual ‘trará para si’ todas as coisas que estavam ainda no navio que ele pudesse trazer, a tecnologia, colocaria sobre sua guarda, abrigaria ainda o máximo possível todos os alimentos e ferramentas, tal qual o principio da acumulação capitalista, colonizadora para o que julgava ser os recursos para sobrevivência. Tudo estava a seu alcance em sua arquitetura de cercadinhos.

Tanto o homem, a alma quanto a besta também quer casa, quer abrigo. É justamente nesse sentido que os dois coabitam., não só no corpo, mas dentro da própria casa. Um pensa que necessita muitas coisas, deseja ter muitas coisas, há muitas almas, desejos por trás da dita alma que pensa, ao ponto de abarrotar a casa de objetos, mobílias;

equipamentos. O fardo, é cuidar dela, protege-las e fazer sua manutenção. O ‘outro’, a besta, a grande razão diz que não precisa de muitas coisas, quase nada, apenas se proteger das intempéries, e comida; e aí se recusa a trabalhar para a pequena razão, fazer coisas que sabe que não são importantes, a preguiça é um sintoma da grande razão e da condenação e culpa pela falta de trabalho, assim como a procrastinação. Vide, Sexta Feira, Cicero e Heitor. Como resumiu Nietzsche: “atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, acha-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido – e chama-se *Selbst*. Mora no teu corpo, é o teu corpo”. (NIETZSCHE, 1992, p.51)

Derrida em sua análise sobre Robison Crusoe, esclarece;

Assim como todos os autores que trabalharam sobre ele desde Descartes, Kant e até Lacan; passando por Heidegger, pertencem à um mesmo mundo no qual o animal está separado do homem por uma falta múltipla de poder. O que Robison pensava de seu papagaio *Poll*, é mais ou menos o que Descartes, Kant e Heidegger e Lacan, assim como tantos outros, pensavam de todos os animais que eles são incapazes de uma verdadeira palavra responsável e que responda. (DERRIDA, 2002, p. 34)

Como descreve Derrida, “Robison se comparava a um soberano, um soberano rodeado de animais, bestas, e tendo como inimigo ao ataque de selvagens canibais, quase bestas em sua ilha, numa ilha que era seu reino, falava de Deus, como de um soberano a um soberano absoluto, estando sua própria soberania humana e robinsoniana submetida a sua vez a soberania divina.” (DERRIDA, 2002, p.336)

Besta das bestas, mais besta que muitas bestas. O Soberano, mais soberano que outros soberanos carregam outros soberanos atrelados hierarquicamente, e a sua vez cada um deles portam incorporados, acorrentados, domesticados as bestas humanas e os animais. Assim, a mesma relação se estabelece com as bestas acorrentadas a outras bestas. Entretanto, as bestas das bestas são aquelas indomesticáveis, indomáveis em sua essência, já nascem condenadas a prisão ou a morte como corpos sacrificiais. Para Robson o Soberano dos soberanos é Deus, o Deus que ele conheceu da Bíblia; a Bíblia e seus animais e as bestialidades ali contida que ele acreditava verdade. Mesmo com todos os sacrifícios humanos ali relatados, Robson, ou melhor, Defoe conseguiu diferenciar o canibalismo do sacrifício de Abraão e seus filhos assim como o terrível cerco de *Ma'arra*, em 1098 pelos cruzados cristãos. As tropas comandadas pelo cavaleiro Raimundo Pilet d'Alès cercaram a cidade de *Ma'arra*, no sul de Damasco, Síria, e depois de negociar a rendição dos habitantes, seus homens avançaram sobre a cidade e promoveram o massacre da população. Segundo o cronista cristão Rodolfo de Caen, uma parte da tropa

⁴ DERRIDA, op. cit.; P. 336

passou então a comer os mortos no conflito: "Alguns disseram que, sofrendo pela falta de comida, eles ferveram os pagãos adultos em panelas, empalaram as crianças em paus e devoraram elas grelhadas. Vários autores sugerem que o comportamento dos cruzados não se deveu necessariamente só à fome, mas à sua crença, nascida da intolerância religiosa, de que os muçulmanos estariam num nível de consideração abaixo dos animais. Este ponto de vista ficou expresso na crônica de Alberto de Aquisgrão: que os cristãos preferiram comer turcos ou sarracenos mortos, do que os cães". (RUBENSTEIN, 2008)

Robson só mandava o pobre escravo animal canibal Sexta-feira, ele tinha o comando sobre Sexta-feira enquanto soberano, ele era rei, o *master* de seu 'mundo ilha'. Assim conseguia recriar um pouco de sua vida de origem na cidade de York, e seus hábitos em pleno século XVII. A passagem a ser seguir selecionada demonstra a incidência do verbo mandar,

Depois do jantar, ou melhor, da ceia, 'mandei' que Sexta-Feira pegasse uma das canoas e voltasse para ir buscar os mosquetes e as outras armas de fogo que, por falta de tempo, tínhamos deixado no local da batalha, e no dia seguinte 'mandei' que fosse sepultar os corpos dos selvagens, que tinham ficado expostos ao sol e àquela altura já estariam ofensivos. E 'mandei' também que enterrasse os restos horrendos de seu bárbaro festim, que eu sabia serem abundantes, o que eu próprio não me imaginava fazendo: na verdade, não aguentaria sequer vê-los, se fosse naquela direção. 'Ele obedeceu a todas as ordens' e sumiu com todos os vestígios da presença dos selvagens. De maneira que, quando estive lá outra vez, só pude distinguir direito onde tudo tinha acontecido pelo canto de mata que apontava para aquele trecho de praia. (DEFOE, 2001, p. 202)

E como disse Nietzsche, "E esta hipocrisia foi a pior que encontrei entre eles: aqueles que mandam fingem as virtudes daqueles que servem. Eu sirvo, tu serve, nós servimos, assim reza também a hipocrisia dos dominantes; e aí quando o primeiro senhor é somente o servidor" (NIETZSCHE, 1983 p. 246).

Referências bibliográficas:

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2002.
- CRAGNOLINI, M. *Ecce animot, o del quién al qué. Transitos derridianos hacia la comunidade de los vivientes*. Em Cragnolini, M. (comp.). Entre Nietzsche y Derrida: vida, muerte, sobrevida. Buenos Aires: Ediciones La cebra. 2013.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 2001. Introdução de John Richetti.
- DERRIDA, Jacques *La bestia y el soberano Volumen I*. Buenos Aires: Editora Bordes Manantial. 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Seminario La bestia y el soberano. Volumen II*. Buenos Aires: Editora Bordes Manantial. 2002.
- DERRIDA, Jacques. *Faxitexture*. Em: *Les arts de l'espace, écrits et interventions sur l'architecture*. Paris: SNELA La différence. 2015.
- DIAZ, Esther. *Nietzsche Deleuze o devenir animal*, p. 214 em Cragnolini, M. (comp.). Entre Nietzsche y Derrida: vida, muerte, sobrevida. Buenos Aires: Ediciones La cebra. 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Los anormales. Curso em el Collège e France (1974-1975)*. Mexico: Fondo de Cultura Economica. 2000.
- GALEANO, Eduardo. *Memórias do fogo 2. As Caras e as máscaras*. Porto Alegre. L&PM Editores. 1997. Tradução Eric Nepomuceno.
- HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica. Mundo, finitude e solidão*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011. Tradução: Marco Antônio Casanova.
- JACUBOWSKI, Felipe. *O discurso de Zaratrusta contra os desprteadores do corpo*. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Volume 03 - Número 06. 2011.
- MAISTRE, Xavier de. *Viagem ao redor do meu quarto*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1998.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica, biopoder soberania estado de exceção política da morte*. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufRJ . N. 32. Dezembro. 2016
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratrusta*. 3 ed. Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1983.
- NIETZSCHE, F.W. *Assim Falou Zaratrusta*. São Paulo: Linoart. 1992. Tradução: Mário da Silva.

FUÃO, Ensaios Filosóficos, Volume XXVI - Dezembro/2022

NIETZSCHE, F. 1844-1900. *Assim falou Zaratustra : um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RUBENSTEIN, Jay. *Cannibals and Crusaders*. French Historical Studies. Volume 31. Tomo. 4. 2008.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Porto Alegre: LPM Editores. 2007